

Entre bichos e pontalistas: a noção e a previsão do tempo¹

Between animals and pontalistas: the notion and the forecast of the weather

Lucas Lima dos Santos*¹

Palavras-chave:

Tempo;
Vento;
Pesca;
Meteorologia;
Multispecies.

Resumo: O objetivo deste artigo é demonstrar como os habitantes da vila do Pontal do Leste (extremo sul da Ilha do Cardoso, Cananeia, SP), a partir dos envolvimento com os bichos (animais não-humanos) e ventos, desenvolvem as suas noções concretas das condições do tempo. Animais não-humanos que adivinham o tempo, realizando projeções futuras sazonais ou diárias, estão profundamente emaranhados com as qualidades dos ventos locais, moldando as práticas pesqueiras e domésticas dos pontalistas (moradores da vila). Contudo, ao longo dos anos, com a chegada dos meios de comunicação eletrônico, essas noções começaram a ser contrastadas com as previsões diárias produzidas por meteorologistas e fornecidas nos noticiários. A segunda parte dessa descrição é entender como as previsões adentram a vila e se relacionam de diferentes formas com tais noções.

Keywords:

Weather;
Wind;
Fishing;
Meteorology;
Multispecies.

Abstract: *The objective of this article is to demonstrate how the inhabitants of the village of Pontal do Leste (extreme south of Cardoso Island, Cananeia, SP), through the involvements with the non-human animals and winds develop their concrete notions of the weather conditions. Non-human animals who guess the weather, making future seasonal or daily projections, are deeply entangled with the qualities of local winds, shaping fishing and domestic practices of the pontalistas (villagers). However, over the years, with the arrival of electronic media, these notions began to be contrasted with the daily forecasts produced by meteorologists and provided in the news. The second part of this description is to understand how the weather forecasts enter the village and relate in different ways to these notions.*

“Os bichos são espertos”: considerações iniciais

¹ Recebido em 14/04/2019. Aceito em 18/06/2019

*¹ Doutorando em Antropologia Social pela Unicamp. E-mail: luca-bio@hotmail.com.

Esses bichos são muito *inteligentes*, cara. A gente só vai... Só entende algumas coisas, por causa da inteligência deles, cara. Eles *advinham o tempo*, nós conseguimos saber também. (Juarez, habitante da vila do Pontal do Leste)

Quando pergunto para Feliciano – um dos habitantes mais velhos da vila do Pontal do Leste, extremo sul da Ilha do Cardoso, Cananeia, SP – sobre a possibilidade de mudanças nas condições do tempo em um período breve, ele me responde: “Olha, não senti o vento quente e até os bichos não tão fazendo nada”. A resposta dele, repleta de signos, me despertou a curiosidade. Queria saber um pouco mais sobre como seria a oposição dos bichos não estarem “fazendo nada”. Feliciano então me fala que “esses bichos são muito *espertos*. Eles conseguem saber quando vai mudar o tempo”. O reconhecimento da *esperteza* e *inteligência*² é corriqueiro por parte dos *pontalistas* (habitantes do Pontal do Leste), quando narram as suas histórias emaranhadas com as de animais não-humanos. Tanto que em muitas das minhas caminhadas pela vila na companhia de Juarez³, o pescador aposentado quase sempre me lembrava sobre essas qualidades dos *bichos* (ou animais não-humanos), trazendo uma mistura de sentimentos, como admiração e surpresa.

No Pontal do Leste (ou apenas Pontal), as narrativas envolvendo humanos, animais não-humanos e ventos são constatadas desde muito antes da consolidação da vila no local, na década de 1960. Nota-se na fala de Feliciano que há uma relação entre uma determinada qualidade de vento e manifestações etológicas, já que o fato de um certo animal não-humanos “fazer alguma coisa”, isto é, *adivinhar* as condições futuras do tempo, está articulado ao vento quente. O fascínio dos habitantes da vila pelas forças eólicas e suas relações com essas adivinhações é um dos focos desse artigo.

As adivinhações e os ventos moldam as atividades dos pontalistas em escalas sazonais, semanais ou diárias. Ao longo dos anos, aprendendo a relacionar essas manifestações etológicas com os processos eólicos, os habitantes da vila foram desenvolvendo as suas *noções* sobre as condições futuras do tempo. Todavia, essas *noções*, nos dias atuais, começaram a ser contrastadas com as *previsões* de meteorologistas, diariamente divulgadas nos meios de comunicação eletrônico. A *noção* está relacionada as experimentações

² As expressões e classificações locais serão colocadas em itálico para um melhor entendimento do leitor. Conceitos antropológicos e biológicos estão dispostos em negrito.

³ Esse artigo é produto da dissertação de mestrado de Lucas Lima dos Santos (SANTOS, 2017) junto com os habitantes da vila entre os anos de 2014 e 2016, sob as orientações do Prof. Dr. Stelio Marras e da Profa. Dra. Joana Cabral de Oliveira.

locais, assim como as previsões às modelagens e cálculos científicos. Nas páginas que se seguem, observaremos como essas categorias de entendimentos das condições do tempo futuras podem coexistir de diferentes formas entre os habitantes da vila.

O objetivo desse artigo é demonstrar como pontalistas (acima de tudo, os pescadores locais), a partir dos envolvimento com animais não-humanos e os ventos, correlacionam manifestações etológicas e processos eólicos, para desenvolver as suas noções do tempo. Em seguida, pretendo demonstrar como as previsões realizadas por meteorologistas chegam na vila e são mediadas por essas noções. Para isso, inicio o artigo abordando as experiências dos pontalistas com os joões-de-barro, suas projeções futuras sazonais sobre as condições do tempo e quais são as consequências para a compreensão sobre produtividade pesqueira local, na transição entre inverno e verão. Diminuindo as escalas, passo a descrever as projeções diárias e/ou semanais de alguns bichos, através de um fenômeno comportamental chamado de *alvoroço*. Projeções estas que influenciam nas próprias saídas diárias dos pescadores ao mar e na localização espacial de determinados cardumes. Diante desse cenário, passo para as discussões entre noção e previsão do tempo, buscando algumas reflexões sobre como podemos realizar pequenos acordos entre esses dois entendimentos significativamente díspares das condições do tempo.

Assembleias, encontros e envolvimento

Para adentrarmos nas manifestações etológicas e suas relações com os pontalistas, será preciso evocar algumas bibliografias importantes que ajudarão nessas reflexões. Se os planejamentos referentes às práticas pesqueiras e domésticas se dão através dos encontros entre humanos e animais não-humanos, tendo as qualidades dos ventos como potências significativas, o termo **assembleia**⁴ (TSING, 2015, p. 22) considero que seja relevante aqui. Utilizado em diversas oportunidades nas ciências biológicas e na ecologia de maneira semelhante a comunidades ecológicas e um conjunto de organismos sociais – objetivando uma atividade de grupo ou referindo-se a um grupo de espécies concorrentes –, Anna Tsing toma um caminho diferente, tentando evitar a conotação fixa e delimitada que a concepção de **comunidade** possa assumir. As assembleias, segundo a autora, não apenas assumem a ideia de que as formas de vida se encontram por conta delas, mas que os próprios encontros são abertos, onde uns frustram – e predam – os outros, alguns trabalham para tornar vidas possíveis, enquanto outros somente se encontram no mesmo lugar (TSING, 2015, p. 22).

⁴ Talvez uma tradução para o termo em inglês *assemblage*.

São nas instabilidades das assembleias – com as suas emergentes e constantes transformações – que conseguimos notar como as naturezas humanas se transformam historicamente com os variados animais não-humanos e outras potências. A todo instante há novos aprendizados e novas lembranças dos pontalistas referente ao comportamento de animais não-humanos. Veremos que apesar do desaparecimento dos bugios (*Alouatta caraya*) na região, o grito desses primatas adivinhando a mudança do tempo continua vívido na mente dos habitantes da vila. Barad (2007) defende que o ato de lembrar não se trata apenas de uma sequência de momentos, mas de um avivamento do passado e do futuro. Ou seja, as vocalizações dos bugios, por ainda ressoarem nas mentes dos pontalistas, mostram um passado nunca em processo de finalização, mas assim como o presente e o futuro, reconfigurado a cada vez, a medida em que haja (e/ou houve) constantes envolvimento entre indivíduos.

Analisar os envolvimento de indivíduos em âmbito local é lidar com o desafio de compreender as instabilidades, as contínuas mudanças de determinadas assembleias. Todavia, é através desses encontros e envolvimento instáveis que as co-constituições ocorrem, transformando os caminhos de cada ser. Levar em consideração os relacionamentos de cada indivíduo conduz também as descrições antropológicas a entrarem na contramão do neodarwinismo, não rendendo exclusivamente a ele, mas as formas criativas e fugazes de tecer vidas mutuamente, sem cair em reducionismos, mecanicismos e unilateralidades (HUSTAK & MYERS, 2012, p. 77). Isto é, ao invés de teorias de “adaptação unilateral”, existindo elementos previamente individuais, é o próprio momento através do qual os seres se envolvem na vida um do outro que interessa. Quando abordarmos sobre as construções dos ninhos de joões-de-barro e as suas projeções futuras sazonais, serão evidenciados alguns aspectos dos envolvimento mútuos, que re-confeccionam as histórias desses pássaros e pontalistas com o ambiente.

O envolvimento faz com que indivíduos distintos criem novas formas de viver, ou melhor, “tornem-se com” – ou ***becoming with***, como argumenta Haraway (2011, p. 393) – através das diferenças, ajudando na constituição de novas assembleias. Dessa maneira, os envolvimento também propiciam-nos a compreender alguns impulsos afetivos entre corpos, incluindo as afinidades, rupturas, repulsas entre indivíduos, inventando diversas formas de convivência. No tópico em que descreverei como a voracidade dos mosquitos hematófagos variam de acordo com as mudanças do tempo, veremos alguns contrastes desses impulsos.

Para além das relações entre humanos, animais não-humanos e ventos, elementos da paisagem estuarina, praias e marinha também fazem parte das

assembleias locais. Seguindo Anna Tsing (2015, p. 159), considero que as paisagens são interessantes unidades de análise metodológica para descrever as relacionais multiespécies. Ponderando os elementos das paisagens em toda a sua potência, a autora gostaria de retirar a centralidade humana das descrições antropológicas, distribuindo para todos os que participam de determinadas práticas locais. Nesse contínuo exercício de simetrias pode-se demonstrar como as ações de humanos e não-humanos são distribuídas no mundo. Ou melhor, se o fazer antropológico e o próprio agenciamento de cada pontalista é constantemente influenciado por diversas potências, o processo cognitivo é também distribuído. Portanto, os elementos da paisagem que moldam as descrições antropológicas e as práticas locais, fazem parte de um processo de **cognição distribuída** (HUTCHINS, 1995; 2000), segundo o qual a cognição humana não se restringe aos limites do cérebro e do corpo individual, mas estende-se pelo mundo, por artefatos, tecnologias, comportamentos, estéticas, que auxiliam, modificam ou simplesmente alteram a forma como os humanos resolvem problemas, executam tarefas e atingem objetivos.

Portanto, tomo como um dos pressupostos para este artigo que humanos e não-humanos fundam as suas identidades nos encontros e envolvimentos, não sendo possível descrever seus contornos em unidades e categorias preexistentes. Além disso, seguindo novamente Tsing (2015), na qual argumenta que os próprios processos evolutivos humanos desde sempre estiveram **contaminados** por histórias de outros seres e mundos, defendo também que os envolvimentos contaminam e os diversos humanos e não-humanos em determinadas assembleias, e é a partir dessas contaminações que as compreensões sobre específicas manifestações etológicas vão sendo desenvolvidas e, por consequência, acabam contribuindo para as práticas e categorizações locais.

Joões-de-barro e os ninhos

Esses daí fazem um ninho muito bonito, rapaz. Mas é um negócio muito do bem feito. Pena que aqui não dá muito. O ninho fica fraco por causa da areia. Não dá muita *liga*. (Aires)

Um dos maiores desafios dos joões-de-barro (*Furnarius rufus*) no extremo sul da Ilha do Cardoso é a construção de seus ninhos. O solo arenoso insular não colabora para a feitura deles, devido à falta de coesão dos grãos, que mesmo umedecidos e alojados pelos bicos dos pássaros ainda deixam as paredes das suas futuras moradias frágeis. Essa grande empreitada dos joões-de-barro e a alta probabilidade de insucesso do ninho, tornam a presença desses pássaros uma raridade, o que traz algumas surpresas nos pontalistas quando eles aparecem no local.

Uma dessas surpresas ocorreu enquanto estava acompanhando Mortadela (habitante da vila da Barra do Ararapira, próxima ao Pontal do Leste). Avistamos em uma árvore de guapê (*Syzygium cumini*) um ninho do pássaro. Mortadela me descreve que além da novidade, não era esperado que o casal tentasse fazer o seu ninho em uma dessas árvores. Para alguns habitantes, os galhos da árvore não ajudam na fixação dos ninhos, com isso, além da fragilidade das paredes do ninho, a sua base também fica comprometida. Os poucos que ainda conseguem construir um ninho, o vento forte e a chuva são os grandes limitantes, destruindo-os.

Todavia, no caso do chapéu-de-sol (*Terminalia catappa*) torna-se um pouco diferente. Apesar da instabilidade das paredes ainda continuar, Maria, habitante do Pontal do Leste, me descreve que no chapéu-de-sol “dá mais liga” – isto é, os elementos que compõem o ninho fixam-se com mais facilidade nessa árvore, aumentando o sucesso da sua construção. São entre os sucessos e os insucessos de joões-de-barro com os elementos da paisagem local, que pontalistas vão aprendendo sobre o comportamento desses animais não-humanos.

O ninho que deixou Mortadela surpreso localizava-se no pé de guapê ao lado da casa de Maria e seus irmãos. A habitante, com toda a sua calma característica para executar as suas tarefas domésticas, e Mortadela, em suas constantes visitas à vila para comprar pinga com cataia (*Pimenta pseudocaryophyllu*), acompanharam o processo de feitura do ninho. O casal de pássaros começou, com muito custo, a construir no mês de novembro (2015). Além da areia (da restinga), alguns pequenos gravetos e lama (do manguezal próximo) compõem o ninho. O maior problema é que o ato de *dar liga* precisa ser entre os próprios componentes do ninho, e, também, entre esses componentes e a árvore. No caso das paredes, por exemplo, na área da vila, essa proporção de elementos acaba “não dando liga para ele [o ninho] ficar duro”. *Dar liga* é, dessa maneira, fazer com que o ninho crie uma estabilidade de fixação com o galho da árvore e de manter erguida suas próprias estruturas, a partir dos elementos (lama, areia, graveto, etc.) da paisagem que a compõe. O ninho torna-se um componente do galho da árvore, já que, mesmo após os ciclos reprodutivos e de crescimento das crias, se o mesmo tenha “dado uma boa liga”, perdurará por muito tempo naquele local.

Há uma variação ainda quanto ao tempo de fazimento do ninho. Dependendo da frequência dos *tipos*⁵ de ventos que ocorrem no período de

⁵ Noutras oportunidades faço descrições ao que se referem os *tipos* de ventos (SANTOS, 2017; SANTOS, 2016). Os *tipos* de ventos são categorizações locais para variados ventos que incidem na vila e modulam as atividades dos habitantes, tanto domésticas, como pesqueiras. Os ventos são classificados de acordo com a localização de origem ou seus efeitos fisiológicos e comportamentais nos pontalistas ou em outros seres.

feitura, pode haver o retardamento da finalização da futura moradia. Os *ventos sul* – como o nome já se refere, ventos oriundos do sul, são sinônimos de *tempestades* (chuvas que permanecem por semanas, principalmente no inverno) acompanhadas de *mar grosso* (mar agitado) – e o *vento oeste* – vento que traz *trovoadas* (chuvas normalmente de verão, com curto período durante o dia ou a noite) –, quando batem em demasia, podem tornar o processo de construção demorado. Isso também foi constatado por Sick (2001, p. 565), ao descrever que dependendo das condições meteorológicas, há variações na duração da construção do ninho.

Nas incessantes idas e vindas do casal de pássaros para erguer o ninho com os seus bicos repletos de sedimentos, a desenvoltura dos mesmos é notável. O trabalho de fixação para dar a liga é cooperativo. Assim, com a parede sendo erguida, o interior do ninho é ainda dividido em dois segmentos, sendo esta fase denominada de *repartição*. Como diria Laerte (habitante de vila), “um é para eles [os joões-de-barro] entrarem, e o lugar lá dentro é para *se produzir* (se acasalarem)”. Isto é, um dos segmentos auxilia na entrada do ninho, enquanto o outro (mais protegido) é o local aonde ficam os ovos e os futuros filhotes.

É através dessa procura por materiais para a construção do ninho e por alimentos, que o envolvimento do casal com a localidade escolhida para fixar a futura moradia se aguça. Há um contínuo engajamento dos pássaros com os elementos disponibilizados na paisagem, atenuando, de certa forma, alguns obstáculos na construção do ninho e nos cuidados das suas crias – contudo, nunca totalmente eliminados; vide os frequentes insucessos que um casal possa ter. Como levanta Ingold (2000, p. 188), a construção é um processo que está continuamente em curso, enquanto os indivíduos estiverem habitando com o ambiente no mundo.

Eles precisam aprender, né cara? Se eles não aprendem, eles morrem. Por isso que alguns morrem aí. Mas aqui na ilha é difícil mesmo de fazer ninho. (Aires)

A cada novo ciclo de *produção* (*reprodução* ou acasalamento), o aprendizado é fundamental, já que necessitam lidar com novas assembleias. Ciclo após ciclo, assembleia após assembleia, há um processo de compostagem de experiências. Nos processos de envolvimento dos casais em regiões pontalistas, os ninhos acabam sendo histórias de assembleias anteriores e moradias de novos animais não-humanos. Esses regimes de envolvimento trazem, assim, um afastamento de concepções neodarwinistas, que tentam

esclarecer os processos de construções dos ninhos como **fenótipos estendidos**⁶ dos indivíduos (DAWKINS, 1982).

Dawkins (1982) diria que tanto o design do ninho e o fenótipo do indivíduo seriam soluções para um característico problema de adaptação, já atingido pela seleção natural e passado para o animal não-humano no instante da assimilação dos materiais da hereditariedade – os genes. Considero que este seja um argumento prejudicial já que demonstra a concepção de uma arquitetura de ninho evoluída antes mesmo da sua construção e dos processos cognitivos do pássaro, nas assembleias das quais os pontalistas também participam. Aproximando-me de Ingold (2000, p. 186), o autor criticaria Dawkins defendendo que as formas dos indivíduos, seus artefatos e moradias não estão apenas prefiguradas em genes, mas são os resultados emergentes dos processos de desenvolvimento ambientalmente situados.

Quando o ninho ao lado da casa de Maria foi finalizado, Juarez me fez um relato de que ele havia dado liga nas paredes, mas não na fixação com o galho da árvore de guapê – como Mortadela já havia desconfiado. Dessa forma, ao bater uma tempestade, o ninho acabou caindo durante uma noite. Sabe-se que os dois filhotes, que estavam chorando e esperando os alimentos trazidos pelo casal, foram devorados por um dos gatos que habita a vila, já que haviam pegadas no entorno do ninho caído.

O desafio dos joões-de-barro vai para além da fixação e do erguimento do ninho, mas ainda da conformação do mesmo em cima do galho. As dificuldades da construção do ninho tornam-se ainda mais complexas. No processo de erguimento, o casal deve escolher para qual sentido ficará a porta do ninho. É nesse momento que as projeções futuras sazonais sobre as instabilidades do tempo são realizadas.

A porta: projeção futura sazonal

Ei! João-de-barro tá cantando? (Mortadela) Tá por aí, rapaz. Chega uma hora ele canta. (Juarez) Aquele quando ele muda de casinha... (Mortadela) Quando a porta tá numa direção, né? (Juarez) Se eu contar pra você, vai pensar que é mentira, cara. (Mortadela)

Se há uma variação no período de construção, devido à frequência de *tempestades* e *trovoadas* proporcionadas por determinados tipos de ventos, o próprio predomínio da direção eólica é uma variável no desenvolvimento da

⁶ Richard Dawkins (1982) afirmaria que tanto o joão-de-barro e o ninho são "expressões" do mesmo genótipo subjacente, ou seja, o autor cunhou o termo **fenótipo estendido** para se referir a efeitos genéticos que estão situados além do corpo do organismo, e, neste sentido, o ninho faz parte do fenótipo estendido do joão-de-barro, que é expresso pelo seu genótipo.

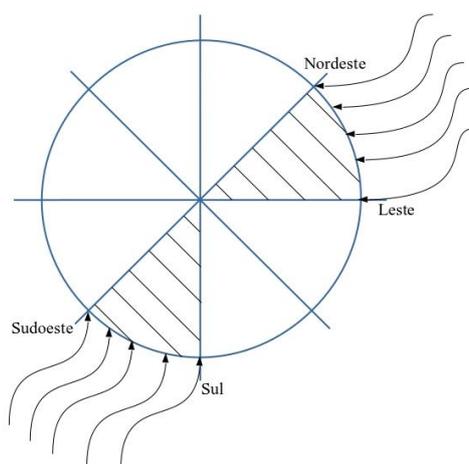
conformação do ninho. Trata-se de acrescentar agora que os envoltivos do casal englobam também modos de minimizar um problema proporcionado pela estrutura, que conecta o exterior com o interior do ninho, a porta.

Os joões-de-barro analisam as instabilidades do tempo e, conforme erguem as paredes, tomam a decisão de qual será a melhor direção da porta. A direção da porta, então, será a disposição mais vantajosa e resguardada contra os ventos e chuvas, para que não haja algum comprometimento dentro do ninho. As costas da moradia estarão, usualmente, direcionadas para a localização aonde terá maior expectativa de chuva. Com isso, dependendo para onde o casal aponta a porta do seu ninho, *adivinhand*o as condições de tempo futuras, sabe-se quais serão os predomínios dos tipos de ventos. Como diria João, "ele *adivinha* de onde vem o vento mais forte, a chuva. Quando é ano que o tempo, o vento é de sul, ele faz a boca do ninho pra nordeste, pra cá. E quando o tempo é de leste, ele já faz a boca pra cá, já [apontando para o sul].

Como já descrito mais acima, os ventos sul são muito temidos por pescadores locais, por serem frios, fortes, podendo virar canoas ao deixarem o mar grosso⁷. Ele impõe a sua dominância no inverno, apesar de *bater* também em outras estações. Ainda que tenha essa denominação, em dias que o vento está batendo, há uma constante variação de direção entre *sudoeste-sul* (Figura 1), diversificando a intensidade do vento de sudoeste para sul. Isto é, os ventos oriundos diretos do sul são, geralmente, mais fortes que os sudoeste. A dominância deste vento vai perdendo a sua força a medida em que o verão se aproxima, e os ventos entre *nordeste-leste* começam a se impor. Esses últimos são ventos quentes, que conseguem empurrar os cardumes de peixe para regiões mais rasas do mar, possibilitando uma prática pesqueira mais produtiva com as canoas, já que as embarcações não conseguem se distanciar muito da costa. Trato aqui como dominância o predomínio de um tipo de vento ao longo das estações do ano. Dessa forma, se há essa disparidade entre dominâncias eólicas nas estações de inverno e verão, subtende-se que as estações de outono e primavera são as transições dos *ventos sul-sudoeste* para *ventos nordeste-leste*, ou vice e versa. No caso da primavera, seria dos ventos no intervalo sudoeste-sul para nordeste-leste. No outono, em vista disso, o inverso. Portanto, a sazonalidade é de extrema importância para determinar a dominância eólica.

⁷ Os ventos sul decretam as *férias dos pescadores*. Os praticantes ficam impossibilitados de pescar, por conta do alto risco que esses tipos de ventos proporcionam dentro do mar.

Figura 1: Domínios eólicos do verão (*nordeste-leste*) e do inverno (*sudoeste-sul*) plotados em oitantes



Fonte: Elaboração própria, 2019

Outono, muitas vezes dá esse ventinho sul aqui de sudoeste, chato, que depois vira de nordeste de tarde. Agora no inverno... Xi! Meu Bom Jesus de Iguape! É vento sul mesmo! Cai umas tempestades [...]. Meu senhor! (Aires)

Quando os ninhos de joões-de-barro são finalizados – geralmente entre o final do inverno e o começo da primavera, dependendo das dificuldades deparadas pelo casal –, a boca já está disposta em uma direção. É dessa maneira que os pontalistas conseguem compreender os tipos de ventos predominantes nesse momento de transição de dominância eólica, até que os ventos nordeste-leste se imponham, iniciando, de fato, o verão. Alguns habitantes da vila afirmam que os pássaros fazem os ninhos em agosto, outros já dizem que é mais próximo do verão. Acredito que essa margem de incerteza se deve pela inconstância na feitura de seus ninhos, já que os habitantes da vila não conseguem avistar anualmente os pássaros construindo-os e pelo clima *maluco* (mudanças climáticas) dos dias atuais, que influencia nos ciclos reprodutivos de animais não-humanos. Devido às mudanças climáticas, Juarez afirma: “Os pássaros tão ficando tudo fora do... Alguns pássaros já se *produzem* [reproduzem] fora da época”. Pode-se afirmar que, por conta disso, a *noção* dos pássaros esteja ficando um pouco alterada. Contudo, mesmo com essa variação do clima, os pescadores pontalistas conseguem *ter a noção*, principalmente na primavera, de quais tipos de ventos serão predominantes, através do comportamento e desenvoltura do joão-de-barro, até que o domínio eólico do verão (nordeste-leste) se estabeleça.

Ter a noção dos processos locais, sob a concepção pontalista, seria vivenciar, experimentar, aprender habitando o extremo sul insular. O aprendizado através de um envolvimento profundo faz com que os joões-de-barro adivinhem, realizando as suas projeções futuras sazonais. É através dessas práticas e aprendizados – ao longo de sucessos e insucessos –, que a *noção* de um indivíduo vem crescendo e sendo modificada junto com as mudanças do ambiente. Se os pontalistas conseguem correlacionar o comportamento de joões-de-barro para a sua expectativa futura sazonal, é admitido que a *noção* das instabilidades do tempo (ou apenas *noção do tempo*) do casal de pássaros contribui para o desenvolvimento, de forma distribuída, da própria *noção* dos pescadores locais.

As direções da porta do ninho para nordeste ou sudoeste são normalmente selecionadas pelos casais. Com isso, ao realizarem projeções futuras das condições do tempo, eles também informam aos pontalistas se haverá maiores probabilidades de uma primavera chuvosa ou não; e, por conseguinte, indicam se os pescadores terão mais períodos pescando em mar ou de *férias* na vila. Se o casal constrói a porta de seu ninho nas proximidades do nordeste, significa que baterá mais ventos de sudoeste-sul, sendo provável que chova com bastante frequência. Caso o contrário, se a porta estiver virada próxima ao sudoeste, há uma maior probabilidade de que a pluviosidade seja menor na primavera⁸. Com o casal adivinhando o tempo, além das expectativas aumentarem, planejamentos também são feitos, já que os pescadores compreenderão se terão muitos problemas para saírem ao mar e puxarem as suas rede ou se terão uma primavera com águas mais calmas, propiciando a pesca.

É assim... Do lado onde ele acha que não vai dar tempo é o lado que ele faz a porta dele. Ele deixa o lado sem porta, pro lado do mau tempo que vem. (Aires)

Logicamente, se considerarmos esses momentos de transição de um domínio eólico para outro (primavera ou outono), a tendência seria de que o casal conformasse a porta do ninho mais para o oitante sudoeste-sul, do que para o nordeste-leste. Todavia, pensando que a mudança de um domínio eólico para outro seja gradual no decorrer dos meses da primavera, mesmo assim o fato do casal escolher uma direção ou outra demonstra que essa graduação seja instável. Portanto, no período de *adivinhação* sazonal do casal, fazendo parte da *noção* do tempo deles, a transição de domínios eólicos na primavera – ou seja,

⁸ Sobre essas projeções futuras realizadas pelo joão-de-barro, há algumas bibliografias admitindo-as (SICK, 2001, p. 565). Outras adentram rapidamente, mencionando a relação dos humanos, com estes pássaros, como é o caso dos agricultores no sertão cearense, também denominados de “profetas da chuva” (FOLHES & DONALD, 2007; TADDEI, 2014).

a gradação de sudoeste-sul para nordeste-leste – não é linear, sofrendo certas flutuações modificadas anualmente.

Esse conhecimento distribuído, propiciando o desenvolvimento da noção de cada habitante do Pontal do Leste, através de manifestações etológicas, também pode sofrer variações nas escalas de projeções. Escalas de adivinhações menores, passando a projeções de alguns dias, do dia seguinte ou, ainda, de algumas horas, a medida que alguns bichos vão se *alvorçando* e intensificando determinados tipos de comportamentos.

Quando os bichos se *alvorçam*: projeções menores

Vejamos, abordamos sobre os domínios eólicos e as adivinhações do João-de-Barro, que estão interligados com a sazonalidade. Contudo, o entendimento sobre as instabilidades do tempo perpassa escalas menores. Diariamente os pescadores estão observando o mar e o céu para saber se vai *dar tempo* – quando vai chegar um *mau tempo*, propiciado pelos ventos sul-sudoeste. É imprescindível a observação e análise do tempo, já que ser pego de surpresa no mar pelo vento sul, através de uma *virada de tempo*, pode ser fatal.

Se pegar uma *virada de tempo* aí na água, de vento sul... Meu Bom Jesus de Iguape! O mar pode agitar, dar tempestade... Teve um tempo atrás que eu peguei uma virada de tempo maluca! Meu senhor! Quase morri! A canoa virou. Tive que voltar nadando para a praia. Só encontrei meu camarada na praia. Depois dessa aí tive que voltar para casa e tomar uma, porque o susto foi grande (risos). (Mortadela)

Por ser em escala sazonal, os João-de-Barro já consideram as viradas de tempo no momento da feitura da porta dos seus ninhos. É adivinhando se haverá muitas viradas de tempo de sul-sudoeste que eles ponderam a conformação menos prejudicial para o ninho. Esse é um ponto importante, já que essa escala de projeção sazonal traz incertezas quanto ao dia-a-dia dos pescadores. Saber se haverá uma primavera e início de verão menos chuvosos, não os dão a capacidade de afirmar se nos próximos dias baterá um vento sul trazendo um mau tempo. É a partir dessa disparidade escalar de projeção que outras manifestações etológicas são levantadas e sentidas pelos pescadores.

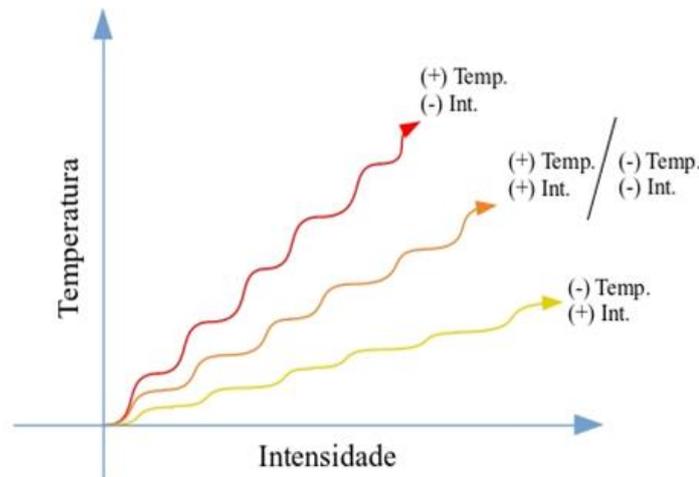
Comportamentos específicos de animais não-humanos que respondem às viradas de tempo, ajudam os pescadores a decidirem se vão entrar no mar ou quando devem sair. Essas manifestações comportamentais são denominadas de *alvorços dos bichos*. O alvorçar de um bicho é um fenômeno etológico que antecede um mau tempo, ou seja, ventos sul-sudoeste. A mudança de comportamento de alguns animais não-humanos é uma resposta a um processo

eólico, relacionado com o aumento da temperatura e a intensidade dos tipos de ventos. Essas duas últimas variáveis modulam a veemência de determinadas qualidades de alvoroços.

Nas dominâncias eólicas sazonais, quando ocorrem as viradas de tempo, há ventos que podem participar de processos antecedendo outros, dispondo de um certo grau de imprevisibilidade. É o momento de abordarmos sobre os ventos oriundos de *noroeste-norte* e seus efeitos ao antecederem os ventos sul-sudoeste. Ventos oriundos do sul são entendidos, geralmente, como uma resposta de um processo envolvendo os ventos noroeste-norte; todavia, é importante ressaltar de que isso não seja uma obrigatoriedade. Sucintamente, ventos inicialmente provenientes de noroeste-norte, de fato, posteriormente, terão como resposta os ventos sul, mas nem todo vento sul é formado a partir de ventos noroeste-norte – como é o caso do vento sudoeste, que, por ser um vento sul mais fraco, não surge de uma mudança abrupta de pressão. Portanto, ventos noroeste-norte antecedem, principalmente, ventos sul de maiores intensidades.

Assim como nos ventos sul, que aumentam a sua força eólica quando se deslocam de sudoeste para sul, o oitante noroeste-norte também possui as suas diferenças graduais quanto a temperatura, a aridez e a sua potência, partindo de norte para noroeste. Apesar do vento mais ao norte ser quente, a sua chegada na vila é de forma suave, se tornando mais forte ao longo do dia. Contudo, à medida que o vento se desloca para noroeste, mais seco e quente ele é, fazendo com que a potência de chegada do vento seja maior, e mantendo a força ao longo do dia. Isso traz alguns reflexos para as respostas do vento sul, já que quanto maior for a elevação da temperatura durante o dia, mais forte será o seu grau de resposta nos primeiros instantes, e maior será a probabilidade de ocorrer uma tempestade e mar grosso. O aumento de temperatura realizado pelos ventos noroeste-norte tem o seu ápice quando há a *parada* do vento. A parada é o momento em que os ventos param de bater, sendo o signo de que a resposta, a virada de vento sul, está próxima.

Figura 2: Potência do alvoroço dos bichos através da temperatura e da potência do vento. Nota-se que nas duas extremidades (seta vermelha e amarela) estão dispostos agenciamentos inversamente proporcionais. Na região intermediária estão os agenciamentos diretamente proporcionais



Fonte: Elaboração própria, 2019

A elevação da temperatura e a força dos ventos estão completamente atreladas as mudanças comportamentais de animais não-humanos, que adivinham a virada de tempo. As diferentes características dos ventos noroeste-norte trazem consequências nas intensidades dos alvoroços dos bichos. Quanto maior a temperatura e menor a potência dos ventos, maior será a sensação térmica e mais intensa será a mudança de comportamento de determinados animais não-humanos. O contrário seria quanto mais baixa a temperatura e maior a potência do vento, menor será o alvoroço. No entanto, diria ainda que não há uma relação apenas inversamente proporcional entre a intensidade e temperatura, mas também direta (Figura 3). Quando se torna diretamente proporcional – ventos intensos e altas temperaturas ou ventos amenos com baixas temperaturas –, o alvoroço então fica disposto em uma situação intermediária de intensidade.

Entre picadas e pulos para fora d'água: diferentes alvoroços

Dependendo do animal não-humano, o alvoroço é demonstrado de uma determinada maneira, através de uma especificidade etológica. Com relação aos insetos, quanto maior a temperatura, mais são avistados voando (como as formigas e cupins com asas, que saem das suas *tocas* e criam *enxames* no ar; e os vaga-lumes, que iluminam com maior intensidade a restinga). No caso mosquitos hematófagos – mutuca (*Chrysops varians*, *Tabanus occidentalis*, *Diachlorus bivittatus*, etc.), porvinha e perninho (*Anopheles* spp., *Culex* spp.,

Aedes spp., etc.) –, a virada de tempo é sentida no corpo dos pontalistas, com o aumento de picadas. “Um bicho dos inferno! Um bicho chato, que não desiste” descreve Sandra, ao indagá-la sobre o comportamento das mutucas. A ira da habitante pode ser compreendida, já que as mutucas, entre os hematófagos, são unanimemente consideradas as mais vorazes no Pontal. Tudo se deve pelo fato da sua obstinação em atacar a sua vítima e as suas picadas dolorosas e inflamatórias.

Apesar de sempre chegar com pressão, se o vento noroeste diminui a sua força, aumentando muito a sensação térmica, a voracidade das mutucas é tanta, que alguns recorrem a fazer fogueiras com folhas e galhos verdes – por causa da fumaça –, ou a ficar na praia, aonde a temperatura é sempre mais amena do que dentro da vila.

Para esses mosquitos não adianta nada. Pra pernilongo ainda... Ele ainda se coisa, né? Afasta um pouco. Mas os outros não tem jeito. Não tem. A mutuca é um bicho bem irritante. (Rosália)

Os mosquitos hematófagos, por meio desse aumento da procura por sangue, não apenas demonstram aspectos negativos, mas, de certa maneira, fatores que também podem ser considerados “positivos”, se pensarmos nas práticas pesqueiras. Realizando uma visita a casa de Dona Iolanda (mãe de Mortadela) na vila da Barra do Ararapira, em um final de tarde quente, encontro alguns membros da família reunidos na sala da moradia assistindo televisão e outros na cozinha conversando, servindo o típico café ou chá mate com bolo. Os pernilongos já haviam iniciado prematuramente a sua busca por sangue. Nem ao menos estávamos no crepúsculo vespertino – momento em que o sol se põe e os mosquitos começam a acentuar a sua procura – e eles já estavam atacando avidamente. Sentia por debaixo da mesa algumas coceiras enquanto comia um pedaço de bolo. Dona Iolanda me fala que os mosquitos sugam tanto sangue, que ficam até meio pesados, voando de forma mais lenta. Danilo (um dos seus filhos), que estava deitado no sofá assistindo televisão, pois já havia terminado o serviço na canoa com os seus *camaradas* (parceiros de pesca), retorcia-se tentando matar alguns. Foi quando ele reclamou: “Pô! Pernilonguinho tão picando demais hoje. Vai virar o tempo”. Ele levantou a cabeça e olhou pela janela buscando algum signo nas nuvens, de que a mudança nas condições de tempo estava por vir.

Presenciei algo similar na moradia de Kelly no Pontal, enquanto ela estava cozinhando. De frente para o fogão, percebi a pontalista tentando matar uma mutuca que estava picando a sua perna. “Oh! Mas esses bichos tão fogo hoje, hein? Credo!”, reclama ela. Quando compartilho com Kelly que os mosquitos estavam picando acima do normal naquele dia, ela me responde: “Sabe o que é isso? Vai virar o tempo”. Considero que esse entendimento sobre a virada do

tempo, junto aos animais não-humanos, um exemplo primordial do que Ingold (2000, p. 243) defende, ao descrever que nossas vidas são tecidas através das participações e respostas dos nossos órgãos sensoriais inteiramente e continuamente se envolvendo com o ambiente, e não de forma segregada.

Se perguntasse a algum habitante da vila, se pelo menos o fato de tomarem maiores quantidades de picadas seria, assim, algo relevante para que pudessem planejar suas decisões futuras frente ao mau tempo, certamente que eles ainda julgariam os mosquitos hematófagos como uns “bichos dos inferno”. Todavia, é a partir dessas assembleias, gerando predação, por parte dos insetos, raiva e incômodo, pelo lado dos habitantes da vila, que emergem uma colaboração sobre a compreensão da chegada do mau tempo. Portanto, nesse envolvimento entre mosquitos e pontalistas, o efeito negativo no corpo que recebe a picada, por conta do alvoroço, gera alguns efeitos “positivos” quanto a compreensão do mau tempo futuro.

A existência de outros tipos de projeções futuras menos estressantes para os corpos dos habitantes também aumenta essa aversão aos mosquitos. Eram os casos dos bugios (*Alouatta caraya*) – que nos dias de hoje praticamente desapareceram –, de pássaros no rio e de peixes no mar. Nos momentos em que ia dar tempo, os bugios começavam a gritar. O grito era tão forte que os pontalistas conseguiam escutar o alvoroço do outro lado do rio, na Ilha do Superagui. “Ele tava *adivinhand*o o tempo. Era um grito muito bonito”, lembra Aires. Muitos acreditam que o desaparecimento dos bugios se deve por conta da extinção das roças na região, já que os habitantes do Pontal e da Barra do Ararapira tiveram um longo histórico de relações multiespécies através das práticas agrícolas na Ilha do Superagui. O belo gritar em grupo ainda arranca muitas saudades de alguns pontalistas, que tentam passar as histórias sobre a companhia desses primatas para as gerações futuras.

No caso dos pássaros, o alvoroço se dá pela maior quantidade de indivíduos cantando nos galhos das árvores, voando ou realizando alguns comportamentos peculiares. Esse é o exemplo da andorinha (*Lucina pectinata*), que começa a passar com demasiada frequência o bico na água do rio antes da virada de tempo.

Nas práticas pesqueiras, o alvoroço é percebido através dos *peixes boiados* e os *peixes de fundo* no mar. Os peixes boiados – como sororoca (*Scomberomorus brasiliensis*), tainha (*Mugil platanus*) e a raia – são peixes que habitam as camadas superiores da água, mais próximas do fio d’água. O adivinhar desses peixes é demonstrado com o aumento dos números de pulos para fora d’água. “Quando você vê o peixe pulando muito é porque vai dar tempo. Já vem tempo ruim no dia seguinte” (Laerte). Participando com

Feliciano de uma das saídas para pescar no mar, o pescador me indica o momento algumas tainhas estavam se alvorçando:

Próximo ao horizonte, nesse amanhecer frio e ensolarado, Feliciano me indica um cardume de tainha passando. “Estão pulando muito”, me descreve o pescador. Era fácil observá-las pulando, já que os raios de sol nascentes refletiam no corpo do peixe. [...] conseguimos avistar um número considerável de tainhas pulando. Enfrentando o meu enjoo, devido ao balanço da canoa no mar, fechei os olhos por um longo período, momento em que ouvi alguns risos de Feliciano sobre o meu estado fisiológico. Os risos se pausam quando o pescador enxerga mais uma tainha: “Ouvi no rádio, mas vai mudar o tempo mesmo. Vai vim mau tempo aí”. (Texto extraído do caderno de campo - 2016)

Nos peixes de fundo – como a pescadinha (*Macrodon ancylodon*) e o robalão (*Centropomus* spp.) –, a sua localização espacial no mar é o indicativo de mau tempo. Quando estão mais próximos da praia, é porque estão seguindo a manjubinha (*Anchoviella lepidentostole*), que prefere ficar em profundidades menores antes do mau tempo chegar. Portanto, dentro d’água, as relações ecológicas de predação entre os níveis tróficos também colaboram no entendimento das viradas de tempo.

Se os caminhos são efeitos emergentes dos encontros (TSING, 2015:23), as noções do tempo dos pontalistas são as respostas às percepções de animais não-humanos em determinadas assembleias. Projeções sazonais ou menores (diárias) são produzidas, fazendo com que alguns pontalistas se tornem experientes e precavidos pescadores, através de adivinhações e comportamentos de animais não-humanos (HARAWAY, 2011:393). O envolvimento local com os animais não-humanos, contudo, ao longo dos anos, vem sendo comparado com outro entendimento sobre as condições do tempo. Um conhecimento que vem adentrando a vila e trazendo maiores complexidades para a noção do tempo de cada habitante: a *previsão do tempo*, disponibilizada pelos meios de comunicação (televisão, rádio a pilha e rádio amador). A *previsão*, em contraste com a *noção*, está relacionada com dados oriundos de modelagens e cálculos meteorológicos, sendo alvos de discussões na vila.

Previsões do tempo: colaborações e afastamentos

Logo após realizar alguns remendos na rede de espera para robalão em frente à praia, Aires me convida para tomar um café em sua casa. “Tá mudando, rapaz. O mar tá amansando, mas disseram que tá vindo outro vento sul aí” (Aires). Passando pelo terreno de Juarez, o vejo escutando notícias em seu rádio de pilha: “Disse que tá vindo

outro vento sul ai" (Juarez). "Ih, é? Às vezes demora um pouco" (Aires). Aires mora junto com os outros irmãos de Juarez e um sobrinho, num outro terreno. Chegando na casa deles, tomamos o café que Maria ao som do noticiário na televisão. Chega na previsão do tempo, a apresentadora comenta o que Juarez já havia escutado no rádio. "Às vezes nem encosta aqui. Mas é bom sempre olhar. A turma sai pra pescar, mas tá sempre olhando o tempo", comenta Aires. (Texto extraído do caderno de campo - 2016)

Alguns preferem ficar sentados para fora de casa, escutando a programação do rádio, outros já preferem assistir televisão na sala ou no quarto, sentados no sofá ou esparramados na cama, respectivamente. Depende do tipo de vento que está batendo no momento, do estado de agitação do mar, do humor do habitante... No noticiário, tanto do rádio como da televisão, o quadro da *previsão do tempo* é o que mais desperta o interesse de pescadores. Logo após a divulgação dos dados sobre a temperatura, frentes frias e pluviosidade, que dura no máximo trinta segundos, a previsão é comentada e questionada durante horas a fio na vila. Essa é uma mudança expressiva de comportamento dos habitantes atuais, comparado com os mais antigos, já que rádios e, posteriormente, televisões eram privilégios para poucos.

As mudanças tecnológicas ao longo dos anos também proporcionaram transformações na noção de cada habitante sobre os processos desdobrados na vila e em suas proximidades. As noções que os antigos habitantes possuíam, algumas persistiram, outras desapareceram ou transformaram-se. Nas diversas traduções feitas pelos pontalistas sobre as notícias dos rádios e televisões, causando um jogo de interesses e críticas sobre diversas práticas, me prendo aos olhares e ouvidos de pescadores sobre a *previsão do tempo*. Na vila, *noção* e *previsão* são dois termos ontologicamente divergentes, já que o primeiro termo aponta para uma horizontalização de agentes (animais não-humanos, ventos e humanos) de forma situada; o segundo trata-se de um entendimento verticalizante, considerando e analisando ambientes muitas vezes por instrumentos e cálculos. Se a *noção* emerge das respostas dos envolvimento nas práticas cotidianas da vila, a *previsão* aponta para um afastamento das experimentações locais.

A imprevisibilidade e instabilidade a todo instante são variáveis consideradas pelos pontalistas, ao abordarem sobre noção e previsão, admitindo que tanto em uma como na outra possam haver erros. Todavia, e se a previsão fosse utilizada, considerando, é claro, suas incertezas, de e maneira colaborativa para minimizar as surpresas das viradas de tempo, tanto em terra como no mar? Ou seja, podemos abordar as previsões de duas formas: uma lidando como um evento futuro certo (determinista e linear); e outra de forma colaborativa, como um futuro incerto, necessitando de outras confirmações, a

partir das noções do tempo de cada habitante. É quando há um esforço pontalista em tentar mediar a horizontalidade da noção do tempo com a verticalidade da previsão.

O rádio e a televisão, ao ampliarem a área de entendimento sobre as instabilidades do tempo, não confirmam, mas geram questionamentos e maiores atenções. Com isso, os cuidados sobre a dinâmica de alguns elementos no mar, no rio e na vila tornam-se maiores.

Saber a previsão, não quer dizer que eles [dos noticiários] sabem o que tá acontecendo aqui, mas ajuda. Tem dia que a notícia fala algo, que não acontece aqui. (Laerte)

O cara fala lá, às vezes, sabe? Mas as vezes a tempestade desvia, se desfaz e nem chega aqui. O vento faz uma curva maluca aí, vai para o meio do mar... A gente escuta no rádio os caras chamam de... Como é que é mesmo? [Pensativo] Frente, né?! Frente fria! Lembrei! Massa de ar! Aqui nós chamamos de vento mesmo. (Antônio Sérgio)

Segundo Szerszynski (2010, p. 21), com a marginalização de saberes semeados localmente por marinheiros e agricultores desde a revolução industrial, a meteorologia foi modificada para um laboratório de ciências, realizando mensurações através de unidades de medida e instrumentos e, futuramente, realizando modelagens em mapas, através de satélites. Para o autor, a concepção central dessa ciência foi a atmosfera. Admitido como um laboratório aberto de grandes proporções, os meteorologistas começaram a abordar o ambiente como áreas em que as peculiaridades das instabilidades do tempo conseguiriam ser submetidas a cálculos e medições, e entendidas de acordo com forças físicas inteligíveis, que agenciam através de leis naturais (INGOLD, 2012, p. 77). Como argumenta Szerszynski (ibidem), em meio a cálculos e medidas científicas, profissionais da meteorologia "*brought the weather indoors, in an attempt to tame its material and semiotic unruliness, to subject it to a very particular kind of reading*".

Prestando atenção nas previsões do tempo, além do prolongamento da área perceptiva, os meios de comunicação divulgam a intensidade, o deslocamento e o tamanho das massas de ar – que estão vindo do Rio Grande do Sul, por exemplo. Esse prolongamento perceptivo da escala espaço-temporal, contudo, propicia maiores proporções de imprecisão. Foi uma situação que testemunhei com Feliciano, quando o indaguei sobre os dados do rádio, que estavam passando na vila, de um forte vento sul que estava por vir. Observando o sul, ele me responde que grande parte do vento já tinha desviado para o mar. Nem ao menos os mosquitos picando com mais intensidade, ele tinha sentido. "Olha, rapaz, o mau tempo que a gente ia esperar, foi esse que deu aí. Que caiu tudo para o mar aí. Até falou que ia dar um mar mais

[grosso]... A marinha falou. Acho que foi bem no sul que isso passou, né? Aqui só pegou um ventinho. É, passou tudo pra lá assim. Passa pro mar, né? Agora a pouco tinha sol” (Feliciano). De fato, o vento que tinha chegado ao Pontal foi apenas aquilo que estávamos sentindo, um vento sudoeste fraco.

Em outra oportunidade, presencio uma situação parecida com Antônio Sérgio, enquanto o pescador comentava sobre a mudança de direção do vento ao passarmos um inverno repleto de ventos sul. Quando o mesmo parou de bater, após três semanas assíduas, enchendo de esperança alguns pescadores de entrarem no mar, no rádio foi informado de que bateria outro vento do mesmo tipo dentro de alguns dias. Antônio Sérgio, apesar do descontentamento, pois já conseguia imaginar os dias em que continuaria com a sua ansiedade, teimou um pouco em crer, devido a possibilidade do vento virar. Além disso, não estava dando indícios de bater um vento norte-noroeste.

A colaboração da previsão para a noção é analisada criteriosamente, não havendo uma via de mão única cientificista caindo sobre as cabeças dos pontalistas, mas os próprios habitantes analisam os dados divulgados, necessitando de novas confirmações. Ou seja, a previsão em colaboração com a noção favorece nas análises iniciais sobre as condições do tempo dos próximos dias, mas não confirma. A confirmação – por exemplo, de um mau tempo – se dá pelos envoltórios de cada pontalista com os processos eólicos, as manifestações etológicas e outros elementos da paisagem. O reconhecimento dos erros da previsão e da noção não dá a elas os mesmos graus de incerteza, já que a noção do tempo abrange uma escala espaço-temporal perceptiva menor do que a previsão, trazendo uma maior especificidade e exatidão sobre as condições de tempo futuras.

Há de se acrescentar ainda sobre as projeções sazonais dos joões-de-barro em relação às previsões do tempo. Primeiramente, os pontalistas, por terem acesso aos dados de previsões não maiores que uma semana, não conseguem realizar mediações em âmbito sazonal e, por conseguinte, análises críticas. Todavia, seguindo a lógica do parágrafo acima sobre escalas espaço-temporais, por conta dos joões-de-barro realizarem projeções sazonais, elas seriam mais imprecisas do que as previsões diárias ou semanais divulgadas nos meios de comunicação? Não exatamente. A questão dos envoltórios em determinadas assembleias entra novamente em pauta, não se tratando apenas de disparidades de escalas espaço-temporais. Como afirmaria Aires: “É que esses pássaros tão voando por aqui por muito tempo. As vezes vão para outros lugares, mas eles sabem... Sabem dessas coisas que têm aqui. Então, na hora de fazer o ninho, eles já sabem de muitas coisas. É um bicho muito... Apesar de algumas vezes morrerem, eles sabem fazer um ninho muito bem do construído. Acho que nem esse pessoal da pesquisa sabe como eles fazem isso”.

Os encontros de pontalistas com diversas manifestações etológicas, tendo os tipos de ventos como um dos seus principais operadores, portanto, vão realizando um jogo de afastamento e aproximação com os dados fornecidos pelas emissoras de rádios e televisão. Todavia, além do exercício de mediação pontalista sobre os dados meteorológicos, acredito que meteorologistas poderiam buscar pequenas alianças nos momentos em que as diferentes análises das instabilidades do tempo se encontram para entender as suas diferentes atuações nos caminhos de humanos e não-humanos em âmbito local. Principalmente nos momentos atuais em que o tempo está cada vez mais maluco.

Desfecho: propostas de acordos

É através de narrativas contornadas por sentimentos e lembranças, que os pontalistas demonstram todos os seus envolvimento com os animais não-humanos e os tipos de ventos. Eles são capturados por esses agenciamentos em um emaranhado afetivamente carregado, permitindo-lhes cultivar as suas atenções. Os envolvimento pontalistas são repletos de tensões, afinidades, ritmos e devires de envolvimento, que nos permitem imaginar algo a mais do que somente uma descrição funcionalista de adaptações evolutivas. As experimentações multissensoriais dos habitantes da vila oferecem, portanto, a oportunidade de explorar engajamentos em determinadas ecologias afetivas. Para Van Dooren (2014, p. 4), havendo muito mais do que a “biologia” no sentido estrito, é dentro dos envolvimento multiespécies que o desenvolvimento e o aprendizado ocorrem, embora esses também sejam relações em que seres co-evoluem e adquirem uma certa dependência ecológica.

Realizando uma aproximação com as descrições de Renzo Taddei (2014) sobre os “profetas da chuva” no Ceará, descrevendo que as profecias de chegada da chuva ocorrem por conta de um processo de sincronia coletiva entre humanos e diversas potências não-humanas⁹, considero que muitos encontros

⁹ Em seu artigo, Renzo Taddei (2014) argumenta que o fenômeno dos profetas da chuva, da maneira como há atualmente, veio de um período no qual as decisões do governo de utilizarem previsões meteorológicas em políticas públicas agrícolas, fracassaram e geraram controvérsias no meio rural. O interesse da mídia das capitais pelo conhecimento local, contrapondo-se à ciência, criou o profeta da chuva como alguém capaz de performatizar, enquanto tal, em quadros televisivos. Todavia, Renzo afirma que uma das dificuldades na relação entre as formas de vida no sertão e o conhecimento “científico” sobre o ambiente se dá em decorrência da hipervalorização que o pensamento ocidental coloca na ideia de ler signos, dentro do fetiche funcionalista-desenvolvimentista do uso produtivo de informações (científicas) em decisões econômicas.

no Pontal ocorrem por conta dessas sincronias, formando as assembleias nas quais histórias de diferentes potências se transformam. As projeções futuras do tempo, seja sazonal, semanal ou diária, acredito que sejam, na verdade, projeções de assembleias futuras sentidas no presente. Todavia, só puderam ser sentidas no presente, também por conta de diversas experiências passadas. Imagino que essa mistura entre passado, presente e futuro, apesar da significativa disparidade ontológica, não seja muito diferente quando meteorologistas realizam modelagens e mensurações sobre a atmosfera.

As comparações realizadas pelos pontalistas, entre as previsões e as experimentações locais (regiões em que desenvolvem as suas noções de tempo), exalta uma interessante perspectiva que os meteorologistas poderiam levar em consideração. Me parece que os próprios habitantes da vila, ao utilizarem os dados meteorológicos de forma colaborativa, estão buscando modos de fazer acordos inteligíveis entre noção e previsão, através de certos pressupostos básicos (ALMEIDA, 2014). Se os pontalistas conseguem mediar os dados divulgados pelos meteorologistas, porque não pensar nos praticantes da previsão do tempo sendo etologistas locais aprendizes, moldando as suas noções do tempo? Talvez através desses pequenos **acordos pragmáticos** (IBIDEM, 2014) poderiam emergir novas ecologias, novas assembleias projetando futuros, que talvez pudesse minimizar as imprevisibilidades do tempo maluco. Ou seja, os acordos pragmáticos, além de honrarem as diferentes ontologias que desenvolvem a noção e a previsão, poderiam trazer um pouco de sanidade aos pontalistas e meteorologistas, diante das crescentes maluquices do tempo, diminuindo algumas surpresas indesejadas.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, M. W. B. 2013. Caipora e outros conflitos ontológicos. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 5, n. 1, pp. 7-28.
- BARAD, K. 2007. *Meeting the universe halfway: Quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. Duke University Press.
- DAWKINS, R. 1982. *The extended phenotype*. San Francisco: Freeman.
- FOLHES, M. T.; DONALD, N. 2007. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular à serviço da ciência. *Sociedade & Natureza*, v. 19, n. 2, pp. 19-31.
- HUSTAK, C.; MYERS, N. 2012. Involutionary momentum: Affective ecologies and the sciences of plant/insect encounters. *differences*, v. 23, n. 3, pp. 74-118.

- HARAWAY, D. 2011. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. *Horizontes antropológicos*, v. 17, n. 35, pp. 27-64.
- HUTCHINS, E. 1995. *Cognition in the Wild*. Cambridge: MIT press.
- HUTCHINS, E. 2000. Distributed Cognition. *IESBS Distributed Cognition*. University of California, pp. 1-10.
- INGOLD, T. 2000. *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling, and Skill*. Londres & Nova Iorque: Routledge.
- INGOLD, T. 2012. The Atmosphere. *Chiasmi International*, v. 14, pp. 75-87.
- SANTOS, L. L. 2016. Uma reflexão sobre a pesca distante da dialética newtoniana: o cerco e a tainha. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 25, pp. 151-175.
- SANTOS, L. L. 2017. *Entre ritmos: as habilidades perceptuais de pescadores em paisagens multiespecíficas (vila do Pontal do Leste, Cananeia - SP)*. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) - Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- SICK, H. 2001. *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- SZERSZYNSKI, B. 2010. Reading and writing the weather: climate technics and the moment of responsibility. *Theory, Culture & Society*, v.27, n. 2-3, pp. 9-30.
- TADDEI, R. 2014. Ser-estar no sertão: capítulos da vida como filosofia visceral. *Interface*, Botucatu, v. 18, n. 50, pp. 597-607.
- TSING, A. 2015. *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton University Press.
- VAN DOOREN, T. 2014. *Flight ways: life and loss at the edge of extinction*. Columbia University Press.